

A DESIGUALDADE IMPOSTA PELOS PAPEIS DE HOMEM E MULHER: UMA POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO

Carla da Silva

RESUMO

O presente artigo busca analisar influência da cultura patriarcal na vida das mulheres e homens, a partir dos papéis construídos de gênero e relação entre dominador e dominado e do entendimento e compreensão das mulheres vítimas de violência de gênero, sobre a relação de exploração e os papéis exercidos na ordem patriarcal. Demonstra um movimento dessas vítimas em incluir o homem no processo de desconstrução dessa cultura, possibilitando a igualdade entre os gêneros e, conseqüentemente, o rompimento com ciclo da violência. Esse estudo é parte da dissertação de mestrado “UMA REALIDADE EM PRETO E BRANCO: as mulheres vítimas de violência doméstica”, que teve por objetivo analisar e compreender a repercussão das ações desenvolvidas nos serviços de atenção ONG SOS Ação Mulher e Família e Centro de Referência e Apoio à Mulher – CEAMO, na dinâmica de vida da mulher vítima de violência doméstica. A metodologia utilizada na pesquisa foi qualitativa por meio do grupo de reflexão e entrevista individual, sendo um grupo de reflexão com cinco mulheres ex-usuárias do SOS e quatro entrevistas individuais com mulheres ex-usuárias do CEAMO. As depoentes apontaram a importância do trabalho com homem-agressor na perspectiva de desconstruir os parâmetros e construir a igualdade gênero.

Palavras-Chave: cultura, patriarcado, gênero, violência doméstica contra mulher

ABSTRACT

This article seeks to analyze the influence of patriarchal culture in the women and men's lives, from the constructed gender roles and relations between dominant and dominated. From the understanding and comprehension of women victims of gender violence on the relationship of exploitation and the roles of the patriarchal order. It demonstrates a movement of victims to include men in the process of relaxation of this culture, enabling gender equality and therefore the break with the cycle of violence. This study is part of the dissertation "A REALITY IN BLACK AND WHITE: women victims of domestic violence" which aimed to analyze and understand the impact of actions developed in the health care services NGO SOS Women and Family Action and Reference Center and Support for Women- MDE, the dynamics of life for women experiencing domestic violence. The methodology used was qualitative research through focus group and individual interviews, one focus group with five women ex-users of SOS and four individual interviews with female ex-users of CEAM. The interviewees pointed out the importance of working with male-aggressor perspective to deconstruct the parameters and build gender equality.

Keywords: patriarchal, culture, gender, domestic violence against women.

A DESIGUALDADE IMPOSTA PELOS PAPEIS DE HOMEM E MULHER: UMA POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO

Introdução

Esse artigo é parte da dissertação de mestrado, “UMA REALIDADE EM PRETO E BRANCO: as mulheres vítimas de violência doméstica”, defendida em 04 de maio de 2011, na PUC São Paulo, na Pós-Graduação em Serviço Social. A coleta de dados ocorreu com mulheres vítimas de violência doméstica atendidas pela ONG SOS Ação e Mulher e Família e Centro de Referência da Mulher – CEAMO, localizado em Campinas – São Paulo. Foram respeitados todos os pressupostos e princípios éticos¹, respeitando o sigilo dos nomes substituindo por cores. Todos os depoimentos foram devidamente autorizados pelas depoentes, através do termo de consentimento livre e esclarecido.

Dentro desse contexto, traço algumas reflexões acerca da questão da cultura patriarcal como um fator que perpassa a educação, valores aprendidos e repassados a nova geração. Entretanto, a promoção da igualdade decorre da inclusão do homem no processo de desconstrução dos papéis de gênero, sendo afirmado pelas pesquisadas (vítimas da violência de gênero).

1. UMA CONSTRUÇÃO DESIGUAL ENTRE HOMENS E MULHERES

A história da humanidade traz, desde o início de sua constituição, o traço da violência, forjada por meio da subjugação e da exploração homem pelo homem, transformando as relações de gênero, afetivas e sociais, através de dispositivos de poder e de submissão.

Quando falamos relações de Gênero, estamos falando de poder. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal (COSTA, 2008)

Para fins desse trabalho, iremos nos atentar às transformações na relação homem e mulher dentro da perspectiva cultural patriarcal, entendendo que somos frutos da educação

¹ Essa pesquisa passou pelo comitê de ética, sob orientação das normas e procedimentos da PUC São Paulo

diferenciada, baseada na desigualdade e na metamorfose das relações. Entende-se por patriarcado:

“organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquetipo viril)” (COSTA, 2008).

Contudo, a desigualdade entre homens e mulheres desdobra-se e culmina nas diversas formas de violência contra mulher, tendo suas raízes construídas em alguns mitos consolidados ao longo dos tempos. Entretanto, o “*mito judaico-cristão, que é a base da nossa civilização atual*” (MURARO, 1992, p.70), ilustra bem essa construção. Cabe nos determos em alguns parágrafos sobre essa história do primeiro livro da Bíblia (Gênesis) para compreendermos a divisão desigual dos papéis sexuais, transpassada pela relação de poder, e sua perpetuação nos dias atuais, que resulta na opressão e na dominação da mulher.

Deus² (homem) criou o mundo sozinho em sete dias e depois, ao olhar sua criação, sentiu falta de algo especial; sendo assim, criou o homem à sua imagem e semelhança, e lhe deu tudo aquilo que havia criado: natureza, fauna, água e os animais, todos alocado no paraíso, esse denominado Jardim do Éden.

Desde então, o homem vivia livre pelo paraíso desfrutando de suas riquezas naturais. Ao passar do tempo, o homem percebeu que todos os animais tinham seus correspondentes, fêmea e macho. Diante dessa observação, foi sentindo-se sozinho e triste. Deus então percebeu que sua criação estava melancólica, e resolveu presentear-la; pegou uma de suas costelas e modelou a mulher, sendo este seu presente. A mulher, como agrado, nasce com a função de fazer companhia ao homem.

Assim, a mulher veio cumprir seu papel de companheira, de alento para os dias difíceis do homem; já nasceu dependente dele, veio da sua costela não como sujeito individual que pudesse ter idéias próprias, decidir, ser autônoma, mas com a doçura e a candura de quem está pronta para servir ao seu senhor (LOPES, 2010, p.98).

O homem e a mulher eram iguais e viviam em perfeito equilíbrio com a natureza, mas aquele maravilhoso paraíso foi perdendo sua graça e seu encanto. A mulher, já muito cansada da mesmice do lugar e entediada de conversar só com o homem, resolveu explorar novos ares

² O texto redigido foi baseado nos livros: Gênesis, versículo de 1 a 3 da Bíblia Sagrada Ave Maria, edição Claretiana, 2002; Muraro, Rose Marie. Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. Rio de Janeiro, 1992.

e escrever a história diferente. Assim, resolveu tagarelar com a serpente, que vivia em uma árvore cujo fruto era proibido por Deus. A serpente, com segundas intenções, convenceu a mulher de que o fruto da sua árvore era saboroso e transformador. A mulher, muito curiosa, experimentou o fruto, gostou e ofereceu ao homem, que também o saboreou.

Quando ambos comeram o proibido fruto da árvore do conhecimento, pela primeira vez perceberam que estavam nus, e sentiram vergonha e medo do castigo de Deus.

O Criador, ao perceber que seus filhos amados haviam infringido às regras, os castigou; a mulher, chamada de Eva, recebeu a punição de sentir as dores do parto e ficar sob o domínio do homem, uma vez que foi ela que transgrediu as regras e causou a expulsão de ambos do paraíso, marcando as suas gerações posteriores. Ao homem, chamado de Adão, foi atribuído o castigo de aprender a dominar a natureza com o suor do seu trabalho, e deste tirar o alimento para si, sua mulher e prole.

Com isso, Eva ficou com a culpa de ter provocado a expulsão do paraíso, e a Adão foi consentido o poder de estabelecer a ordem, com estratégias de dominação, exploração, inclusive sobre Eva, uma vez que esta causou muitos transtornos à humanidade e precisava ser mantida sob controle.

“À medida que o homem vai controlando a natureza, seu poder sobre a mulher vai também, na mesma proporção, aumentando e se cerrando. O fruto da árvore do conhecimento afasta cada vez mais o homem da natureza, e a árvore do conhecimento é também a árvore do bem e do mal. Do bem, no que permite a continuidade do processo humano, e do mal no sentido em que cria o poder, a dominação como conhecemos hoje”(MURARO, 1992, p.71).

Esses dois capítulos do Gênesis reforçaram e, ainda atualmente reforçam a cultura machista e patriarcal, por se tratar da história da criação da humanidade, contada por meio das religiões. O mito judaico-cristão é repassado de geração em geração, sendo um dos responsáveis por santificar as relações de poder e dividir os papéis sexuais, transformando as relações afetivas entre homem e mulher em disputa pelo poder.

A autora Muraro elucida as cisões e o impacto produzido após expulsão do paraíso e, conseqüentemente, a divisão de tarefas do homem e da mulher, que conhecemos e vivenciamos:

“A dominação do homem pelo homem e do homem sobre a mulher, que são as duas características essenciais do patriarcado, acrescida da dominação do homem sobre a terra, já estão santificadas. São então santificadas todas as cisões: 1) a cisão dentro do homem entre sexualidade e afeto, conhecimento e emoção. O conhecimento é colocado como causa da transgressão, porque de agora em diante ele vai ser o motor que vai fazer funcionar todo o

sistema; 2) a cisão homem/homem – é essencial ao patriarcado a santificação da dominação de uns homens pelos outros, por que com isso se torna “natural” a escravidão(...); 3) cisão homem/mulher, com a consequente cisão público/privado. Esta cisão é essencial também porque a opressão da mulher é o que torna todas as outras possíveis; 4) a cisão homem/natureza, que é a base do cultivo da terra com instrumentos pesados.” (1992, p.74)

Dessa forma, faz-se necessário retomarmos a história de Adão e Eva, para compreendermos sua influência na construção e na delimitação do papel do homem e da mulher em nossa cultura. Adão, no momento que prefere Eva e, conseqüentemente, desobedece a Deus, tem dele retirada a sensibilidade emotiva, o potencial da manifestação de afeto, este de foro interno e privado; desta maneira, esse assunto passa a ser proibido aos homens, e o macho deve manifestar sua função dominante sobre a terra, o sistema e a mulher, ou seja, cuidar de assuntos de foro público e notório.

Eva desafiou o poder do Criador, usando de seu poder de sedução para desencaminhar Adão; em consequência, teve sua liberdade limitada e, restrito ficou seu espaço dentro da sociedade. Eva se ocupa do espaço interno e privado, o campo dos sentimentos, da fragilidade, da doçura, do amor; sua responsabilidade é parir e cuidar dos filhos, do lar e do bem estar do homem dentro desse ambiente.

A cisão e a delimitação do público e privado, construídos e potencializados pelas histórias e mitos, no que tange aos papéis sociais da mulher e do homem, vão se cristalizando, tornando verdades absolutas inquestionáveis e santificadas. Tece-se, assim, a naturalidade da aceitação cultural do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder entre os gêneros.

A compreensão das relações de gênero implica que sejam entendidas como uma construção social baseada na diferenciação biológica dos sexos, expressa através de relações de poder e subordinação, representada pela discriminação de funções, atividades, normas e condutas esperadas para homens e mulheres em cada sociedade.

A autora Saffioti ressalta o papel fundamental das instituições de “poder” em legitimar os estereótipos sexuais. *“O papel das doutrinas religiosas, educativas e jurídicas, sempre foi o de afirmar o sentido do masculino e do feminino, construído no interior das relações de poder”* (1992, p.188).

Pensar contrariamente às verdades construídas sobre os papéis sexuais remete-nos a refletir sobre o abandono da separação dos sexos biologicamente determinados, sendo essa uma possibilidade que se apresenta como uma revolução no campo do comportamento humano. Essa conduta desembocaria no abandono de nossas concepções de ser humano do

sexo masculino e suas definições, tais como varão dotado das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual; macho, marido ou amante; Homem da lei; magistrado, advogado, oficial de justiça: Homem público³; da rua, do povo, de Deus, do Estado, das letras, dos negócios.

Da mesma forma, cederiam nossas concepções de ser humano do sexo feminino e inúmeras definições de mulher, tais como o ser capaz de conceber e parir outros seres humanos, dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos - carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição; frágil, independente, fútil, amante, companheira, dona-de-casa, das piadas, sedutora, da zona, do amor, da perdição, do objeto sexual.

Em troca das definições pré-estabelecidas, como exercício, adotaríamos as concepções comuns a todos os seres humanos, homens e mulheres, tais como fortes e fracos; emotivos e racionais; autônomos e dependentes; inteligentes e capazes. Com essa visão, se destacaria a ocupação mútua tanto do espaço público como do privado.

Essas mudanças englobam a categoria gênero sob a perspectiva de que os sujeitos são constituídos de suas experiências e vivências, que por sua vez são engendradas histórico-culturalmente e não dadas pela natureza. Para se construir essa trama se faz necessário conceituar gênero como categoria analítica; nesse caso, empregarei o conceito da autora Joan Scott que define: “*gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos*” (1990, p.86). Dessa forma, o conceito de gênero encontra-se imbricado nos conceitos de identidade sexual, de papel sexual e no de relações entre os sexos. Scott (idem), ainda, complementa: “*gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder*”, ou seja, as relações de poder desenvolvem-se nas relações sociais.

O poder é entendido como manifestações de correlação de forças centralizadas no controle, na opressão que sugere um dominador e um dominado, arraigado nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas e sexuais.

“(…) que o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de números pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediato das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações” (FOUCAULT, 1999, p.89).

³ Homem público: indivíduo que se consagra à vida pública, ou que a ela está ligado

Portanto, pensar na transformação social envolve transgredir as normas de comportamento, dominação e de poder impostas pela sociedade aos gêneros. Isso não significa a exclusão do masculino, mas o pensar em homens e mulheres a partir do caráter relacional de poder, considerando que não existe apenas uma mulher ou um homem, mas sim, diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis e mutáveis ao longo do tempo.

As entrevistadas: Azul e Verde trouxeram para a discussão o homem, como fruto dessa construção cultural.

“(…) minha opinião seria assim, de repente, se conseguisse expandir o atendimento para o lado masculino, e conseguir adaptar uma coisa para ajudar também os homens, que de repente estão em uma situação de vida pior, embora não generalizando (...). Principalmente divulgar em palestras, quando ele não vai, assim ele ouve, isso pode atingir ele, de repente se disser ah, tem um SOS ou um grupo que pode ajudar. Porque o homem é machista demais, ele pode tudo, meu neto pode ter namorada, mas minha netinha não pode. Sabe, então a gente vai acompanhando e até na nossa família a gente vê. Como os homens pensam na sua cabeça, na realidade sobre homem e mulher, o homem manda. Acho que poderíamos sim contribuir um pouco para mudar essa realidade deles sim, às vezes é caráter, outros é a educação que é falha mesmo, que eleva o machão.” (AZUL)

“(…) o homem tem que ter um suporte mesmo, mas a mulher teria que ter esse suporte também (...) sabe, está mudando essa mentalidade, acho que a gente (mulher), bem estruturada, a gente conseguiria ajudá-lo. Claro que é importante ter gente especializada do lado deles (...)” (VERDE).

A construção dos papéis sexuais impostos para homens, como Machão, Viril, Poderoso, Dominador, está impregnada em nossa sociedade, sendo repassada para as futuras gerações, com naturalidade. As participantes demonstram em suas falas que é possível desconstruir esses papéis, mesmo com as marcas e a experiência do sofrimento com a violência, cometida pelo homem escolhido para ocupar suas vidas. O paradigma de que a mulher é submissa, frágil e ocupa o lugar de vítima em qualquer situação, é derrubado pelas depoentes, que explanaram sua força e capacidade para enfrentar todo o preconceito e romper com ciclo da violência, gerando inquietação, mesmo que pequena, na cultura machista patriarcal.

“(…) precisa ter um SOS para os homens, seria muito bom, iria mudar muita coisa, principalmente para o casal que não quer se separar. O homem é tão machista que, se tiver um SOS, será preciso que alguém chame assim, um SOS seria bom, ia mudar muito a gente e o atendimento do SOS (...) um SOS para os homens seria para ajudar nessa área”. (BRANCA)

“(…) pois fazer com que eles procurem, porque não é só a mulher, porque o homem, na maioria das vezes, ele age porque ele também é entendido como

animal, porque às vezes ele acha que pode se impor, e pode ser sem educação, por falta de oportunidade, e o SOS me ajudou a entender isso”.
(AZUL)

Ambas as propostas de intervenção, postas pelas entrevistadas, demonstram uma maturidade em conseguir enxergar o seu agressor-homem, em um ser humano que reproduz o que apreendeu, além de viver em uma sociedade que cobra o exercício do seu papel como dominador. A lucidez apresentado nesses relatos, evidencia o entendimento das amarras do patriarcado, sendo homens e mulheres vítimas desse sistema. As depoentes que sofreram violências, mas buscaram recursos internos e externos para seu rompimento, propõem a construção de uma instituição que acolha os seus e, os outros autores de violências, compreendendo que não basta atuar somente na violação de direitos, contudo na prevenção e na desconstrução da cultura patriarcal, acreditando e, por experiência própria, que é possível construir uma relação igualitária.

“Eu me prontificaria em falar sim, hoje tem que se trabalhar com a prevenção também com os filhos, não adianta chorar depois que a situação está feita. Aprendi que a prevenção é importante, principalmente para os homens, porque para a mulher fugir é porque a coisa já está fervendo, e o homem é ai! O homem fica à toa, o pior momento é ter medo 24 horas por dia, portanto a prevenção para o lado masculino funcionaria, com palestras, pegar eles de diversas formas, assim fechar o tempo com eles. Eu acredito que iria dar certo, porque não dá para ter medo deles.” (AZUL)

Nesse depoimento, observa-se a disponibilidade interna da entrevistada em falar com os homens, sejam eles agressores ou não, tendo como objetivo relatar sua experiência de vida e demonstrar as marcas causadas pela brutalidade e incompreensão da desigualdade; tendo como pauta a prevenção e a esperança de que, assim, o medo seria vencido e o poder hierárquico também, podendo ser evitado que mais mulheres e crianças sofressem as atrocidades da violência.

Os relatos demonstraram que as pesquisadas compreendem a influência cultural tanto no comportamento de ambos os sexos como na disseminação da violência, e defendem a igualdade entre homens e mulheres. Além disso, entendem que o homem também seja vítima dessa cultura perversa, sem que, com isso, justifiquem seus atos de violência. Enfim, detectam que para se coibir a violência contra a mulher é indispensável a desconstrução dos estereótipos de gênero, e a importância de, nesse processo, ser incluído o homem, agressor ou não, no intuito de se provocar as pertinentes rachaduras no sistema patriarcal.

Referencia Bibliográfica

COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. 2008. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf Acessado em: 01/02/2010.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Vol.1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LOPES, Cláudio Bartolomeu. *Trabalho Feminino em Contexto Angolano: um possível caminho na construção de autonomia*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC São Paulo, 2010.

MURARO, Rose Marie. *A Mulher no Terceiro Milênio*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Rearticulando gênero e classe social*. In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p.183-215, 1992

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani; ALMEIDA, S. S. *Violência de Gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990.